

Vocabulário sistematizado: A experiência da Fundação Casa de Rui Barbosa

Maria Irene Brasil, Chefe da Biblioteca da FCRB, Mestre em Ciência da Informação
(CNPq/IBICT – UFRJ/ECO)

Beatriz Amaral de Salles Coelho, Bibliotecária da FCRB, Mestre em Ciência da Informação
(CNPq/IBICT – UFRJ/ECO)

Conchita Sprenger, Bibliotecária da FCRB

Maria Luiza de Almeida Campos, Consultora da FCRB, Doutora em Ciência em Ciência
da Informação (CNPq/IBICT – UFRJ/ECO)

Dilza Ramos Bastos (Bibliotecária, prestadora de serviços da FCRB)

Resumo

O uso de instrumentos de controle terminológico para o apoio à indexação e recuperação da informação torna-se imperativo diante de sistemas informatizados, acesso on-line a base de dados na Internet, organização de bibliotecas virtuais, etc. A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) implementa um projeto específico na área terminológica, tendo em vista aprimorar o tratamento das informações e a estratégia de busca e, conseqüentemente, melhorar a interação em seu sistema de recuperação da informação. O projeto desenvolve um Vocabulário Sistematizado, a partir de bases teóricas, referente aos acervos bibliográfico, arquivístico e museológico, integrado ao novo sistema informatizado. A metodologia adotada fundamenta-se na concepção do relacionamento entre conceitos, identificando relacionamentos lógicos (ou de abstração) e ontológicos (partitivos, causa/efeito, sucessão...). O trabalho foi desenvolvido a

partir da composição de listagem dos cabeçalhos de assunto utilizados até então nas diversas coleções, seguindo-se a análise dos conceitos contidos nesses cabeçalhos, a organização da estrutura do vocabulário e a elaboração de notas de aplicação.

Palavras-chave

Controle terminológico; Vocabulário sistematizado.

Abstract

The use of terminological control tools to support the indexing and retrieving of information becomes mandatory for computerized systems, on-line access to Internet databases, virtual libraries organization, etc. The Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) is implementing a special project in the terminology field, aiming at improving the treatment of information and of search strategy, thus upgrading the interaction in its information retrieval system. The project develops a Systematized Vocabulary, derived from theoretical basis, produced by the bibliographic, archival and museum collections, integrated to the new computerized system. The methodology used is based on the understanding of the relationship among concepts, identifying logical (or abstraction) and ontological (partition, cause/effect, succession) relationships. The work was developed beginning with the subject heading listings used in the different collections, followed by the analysis of the concepts included in such headings, the organization of the vocabulary structure and the creation of the application notes.

Keywords

Terminological control; Systematized vocabulary.

Apresentação: O tratamento da informação na FCRB

A FUNÇÃO DE UM SERVIÇO DE RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO (SRI) É propiciar a comunicação entre um acervo de documentos e uma dada clientela. Para que esta comunicação ocorra é preciso uma linguagem comum a ambos, isto é, entre o serviço e os usuários a quem ele se destina.

Atualmente, em um SRI, vários são os instrumentos utilizados para propiciar esta comunicação. O vocabulário do sistema é considerado um instrumento que padroniza a linguagem de unidades de documentação, seja esta um arquivo, biblioteca ou museu. Funciona como interface de representação de assuntos contidos em documentos e a necessidade do usuário.

A partir de 1998 iniciamos a implementação de uma política de informatização abrangendo todos os acervos da FCRB: o bibliográfico, o arquivístico e o museológico. Nossa maior preocupação, desde essa época, era padronizar a entrada de dados, facilitar a estratégia de busca e conseqüentemente a melhor interação do usuário com o sistema de recuperação da informação.

Neste sentido, uma das etapas desta padronização foi a elaboração de um vocabulário que é um instrumento de controle terminológico. Este instrumento permite traduzir a linguagem natural dos documentos, dos usuários e dos indexadores em uma linguagem sistemática de recuperação da informação.

O artigo pretende relatar os passos que definimos para a elaboração de um Vocabulário Sistematizado para os acervos da FCRB. Estes passos serão apresentados desde as diretrizes teóricas até a metodologia adotada para transformar cabeçalhos de assunto em descritores conceituais.

1. Um novo olhar para os instrumentos de tratamento e recuperação da informação

Toda tradição biblioteconômica de tratamento e recuperação de informação fez com que muitos profissionais percebessem que a forma de organizar e recuperar informação estava sempre dependente da tecnologia associada. Assim foi com o catálogo em fichas, que condicionou toda uma geração a organizar as informações contidas em documentos

em ficha de 7,5 X 12,5 cm, na qual existiam alguns pontos de acesso (autoria, título, assunto) e uma organização seqüencial; depois veio o meio eletrônico que aboliu o ponto de acesso, mas que exigiu outros controles.

O olhar para a tecnologia, para muitos profissionais, sempre foi interrogativo. Era o novo, o moderno, mas ao mesmo tempo era sempre o adaptável. Apesar de perceberem que, por muitas vezes, se repetia o mesmo, mas com novas roupagens, a tecnologia se fez soberana. Entretanto, apesar desta relação, muitos profissionais perderam uma postura ingênua diante da jurássica tecnologia e conseguiram perceber a separação, neste caso, entre o que era organizar informação e o que representava o meio tecnológico.

Atualmente, o uso de instrumentos de Controle Terminológico para o apoio à indexação e recuperação da informação torna-se imperativo diante de sistemas informatizados, acesso on-line a base de dados na Internet, organização de bibliotecas virtuais e outros instrumentos para a organização e disseminação da informação, que exigem melhor controle da terminologia para eficiente recuperação e filtragem de informações.

A representação dos assuntos contidos nos documentos está relacionada diretamente ao tipo de sistema adotado e este, por sua vez, depende da tecnologia empregada. O tipo de sistema pré ou pós-coordenado depende também da tecnologia disponível.

Por via de regra, as bibliotecas brasileiras usam o tradicional cabeçalho de assunto para a catalogação de seus documentos. Via de regra, também, ouve-se queixas sobre a impropriedade de tal instrumento para o tratamento de coleções especializadas. No entanto, ele continua a ser usado.

Criado, na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos, o cabeçalho de assunto teve seus princípios determinados pela tecnologia vigente, que eram as fichas ou catálogos impressos. Seu objeto, os documentos de natureza monográfica. Sua unidade de informação, o assunto. Por isso, seus elementos são pré-coordenados e o ponto de acesso — a primeira palavra da ficha catalográfica — é de importância capital. Com as

tecnologias de múltiplo acesso, este fato perdeu a sua importância. Por ser pré-coordenado, o cabeçalho de assunto tem sua base na linguagem natural, ou seja, as palavras que o integram adquirem significado quando formam contexto. Com o emprego do meio tecnológico esta característica é um defeito grave e impeditivo de uma representação eficaz e que possa atender as necessidades atuais do pesquisador em busca de informação no sistema informatizado.

Assim, com as novas tecnologias de informação a unidade de representação temática de um documento não precisa mais ser o assunto, mas pode ser a reunião de conceitos. Quando se fala de sistemas pós-coordenados pensa-se em descritores. O emprego de palavras-chave foi a primeira reação quando se pensou em romper com o tradicional cabeçalho de assunto e desenvolver tecnologias de múltiplo acesso. Mas caiu-se noutra extremidade: palavras isoladas, que logo se mostraram inadequadas em alguns casos. Independentemente de contexto, as linguagens documentárias do tipo-descritor têm que se basear em conceitos. Passou-se, então, das palavras-chave para termos controlados em sua forma e conteúdo dando origem à criação de um instrumento para esse processo, no caso, os tesouros.

Tesouro é um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente cobrindo um domínio específico do conhecimento. Pode ser definido, também, segundo sua função, como um dispositivo de controle terminológico usado na tradução da linguagem natural dos documentos, dos indexadores ou dos usuários numa "linguagem do sistema mais restrita". (UNESCO, 1973)

Os tesouros, assim, foram elaborados para representarem o assunto de documentos em áreas específicas de conhecimento e representam um grande esforço intelectual e de investimento de tempo. Nesta medida, com nossa experiência, verificamos que para tratar acervos de bibliotecas que possuem um escopo de conhecimento abrangente, este instrumento não se mostra muito adequado quando está em jogo uma relação custo-benefício, pois empreenderia a elaboração de vários tesouros em cada área do conhecimento com uma estrutura complexa de sistematização de conceitos. Neste

sentido, no que diz respeito ao controle terminológico que abranja um acervo em várias áreas do conhecimento, é necessário o desenvolvimento de diretrizes para a elaboração de um novo instrumento que reúna os aspectos positivos dos cabeçalhos de assunto e dos tesouros e que possa ser mais compatível com as exigências da tecnologia de informação atual.

O núcleo teórico — pautado nos princípios que regem a Teoria da Classificação Facetada de Shiyali Ramamrita Ranganathan (1963), a Teoria da Terminologia de Eugene Wuester (1981) e a Teoria do Conceito de Ingrid Dalhberg (1978) e, mais recentemente, em um novo escopo teórico para a representação de conhecimento que abrange a área de inteligência artificial, a chamada Ontologia Formal (GUARINO, 1998 e SOWA, 2000) — auxiliará na elaboração de uma proposta metodológica para a construção de um novo instrumento que atenda as necessidades tecnológicas atuais. Este novo instrumento pode ser definido como um vocabulário sistematizado e não controlado de conceitos, pois é regido por princípios terminológicos com uma estrutura sistematizada de conceitos, permitindo uma interface mais amigável do que a do tesouro para o pesquisador final.

Na década de 30, pautado na "Teoria Dinâmica do Conhecimento", Ranganathan (1967) elabora o método de facetas, que consiste na categorização de uma área de conhecimento para a organização das classes de conceitos e não mais de assunto, como ocorria até então, na elaboração de classificações bibliográficas. Assim, a sua unidade de trabalho passa ser o conceito definido como um isolado, unidade combinatória que tem por função facilitar a formação da notação. Para a organização das classes, em sua tabela — Colon Classification — Ranganathan (1963) desenvolveu uma metodologia que levou em consideração as características dos conceitos como base de divisão (características de divisão) para a formação das subclasses, as cadeias, dos conjuntos dentro das classes, dos renques e outras. A Teoria da Classificação apresentada por ele continuou a ser desenvolvida pelo Classification Research Group (CRG) na Inglaterra. Vickery (1980) e seus colegas ampliaram as categorias/facetas e desenvolveram diversas tabelas de classificação já na década de 50.

Com o surgimento, cada dia maior, do material bibliográfico especializado e dos serviços de informação, a elaboração e a constante atualização dos esquemas classificatórios passaram a constituir um problema real. Aitchison (1970), percebendo o fato, utilizou os princípios ranganathianos de classificação para elaborar tesouros. Unindo a tabela de classificação e o tesouro num único instrumento, ela cria o *Thesaurofacet*. Neste instrumento, ela inclui outras relações conceituais não-hierárquicas sem apresentar, porém, as bases teóricas.

Os estudos desenvolvidos, até então, pelo próprio Ranganathan forneceram as bases teóricas para a organização hierárquica dos conceitos, mas os tesouros revelaram que havia outras relações entre os conceitos, como as relações associativas, embora suas bases teóricas não fossem desenvolvidas.

Na mesma década de 30, um engenheiro austríaco, Wuester (1981) organizou a terminologia de eletrotécnica, com o objetivo de garantir comunicação precisa nesse campo da ciência. Esta experiência levou-o à criação de uma nova disciplina científica, a ciência da terminologia. Wuester desenvolveu uma série de princípios que chamou de TGT, Teoria Geral da Terminologia. Segundo essa teoria, a terminologia se ocupa dos conceitos de uma área do conhecimento. Para ela, o termo é a representação do conceito, e um dos postulados da terminologia é que os termos de uma área do conhecimento formam um sistema de conceitos. Seu ponto de partida, para essa sistematização, é o conceito, estabelecido a partir da análise de suas características, que ele e seus seguidores categorizam.

Wuester avança, assim, para a elaboração das bases teóricas do conceito e do relacionamento entre conceitos, identificando relacionamentos lógicos (ou de abstração) e ontológicos (partitivos, causa/efeito, sucessão, etc.). Neste estudo, ele introduz o conceito de relação hierárquica para as relações genéricas e partitivas.

Na década de 70, Ingrid Dahlberg, aluna de Wuester, é a responsável por trazer para o campo da documentação os princípios terminológicos. Dahlberg desenvolve sua teoria —

A Teoria do Conceito no campo da Terminologia, que tem por princípio básico afirmar que o conceito é uma representação do conhecimento e não do pensamento como apresenta Wuester. Além disso, ela demonstra a possibilidade de adotar princípios para a elaboração de terminologias no âmbito das Ciências Sociais (DAHLBERG, 1978). Nesta mesma época, evidencia a ligação entre a Teoria do Conceito e a Teoria da Classificação (DAHLBERG, 1978a). Posteriormente, utiliza a Teoria do Conceito no campo das linguagens documentárias de abordagem alfabética, especificamente para a elaboração de tesouros (DAHLBERG, 1980).

Em finais da década de 80, no âmbito da Ciência da Computação, surge uma nova disciplina no campo da inteligência artificial — a Ontologia Formal — com o intuito de estabelecer princípios teóricos para a representação de Bases de Conhecimento. Em Inteligência Artificial, "uma ontologia é uma rede de definições de um vocabulário que expressa um consenso da comunidade sobre o domínio de conhecimento". (WEINSTEIN, 1998, p. 256). Uma ontologia é, assim, um conjunto de conceitos padronizados, termos e definições aceitos por uma comunidade particular. A mais freqüente definição de ontologia é a de Gruber (1993): uma ontologia é uma especificação de uma conceitualização. Uma conceitualização é uma abstração, uma visão simplificada do mundo que se representa para satisfazer a um ou mais dos seguintes propósitos: "permitir que múltiplos agentes compartilhem seu conhecimento; ajudar as pessoas a compreender melhor uma certa área de conhecimento; ajudar pessoas a atingir um consenso no seu entendimento sobre uma área de conhecimento" (SMITH, apud FALBO, 1998). Em lógica, uma conceitualização identifica o objeto e relações que existem no universo lógico (WEISTEIN, 1998).

Todas as teorias apresentadas possuem bases para o estabelecimento de sistematização de conceitos em áreas do conhecimento, além de princípios para a organização das relações entre conceitos e para a formação do termo. Estes são elementos teóricos fundamentais para a elaboração de um novo instrumento que venha atender as necessidades atuais de tratamento e recuperação de informações em base de dados.

Assim, a comparação entre essas teorias auxiliou a construção de princípios para um Vocabulário Sistematizado.

2. Metodologia para a construção de um vocabulário sistematizado: a experiência da FCRB

A aplicação da nova metodologia para a criação do vocabulário da FCRB consistiu em sua primeira fase, na transformação dos cabeçalhos referentes às diversas coleções em descritores conceituais. Gradativamente, a indexação dos novos documentos utilizará também os descritores e identificadores eleitos.

Portanto, a formação do vocabulário da FCRB teve por fundamento inicial o resgate dos conceitos existentes em catálogos das bibliotecas, arquivos e museu da FCRB. A identificação desses conceitos vem sendo efetuada mediante a análise conceitual dos cabeçalhos de assunto resultantes da indexação realizada até então. A implementação desse trabalho ocorre da seguinte forma:

2.1 Composição de listagem dos cabeçalhos de assunto utilizados nas diversas coleções

→ *Ações desenvolvidas:*

- coleta dos cabeçalhos de assunto;
- identificação da origem de cada cabeçalho, mediante o registro de códigos referentes aos catálogos;
- formatação em editor de texto, compondo quadro para o registro da análise procedida, mantendo-se assim a memória do trabalho com vistas à indexação já estabelecida nos diversos catálogos e a formação do Vocabulário Sistematizado segundo a nova metodologia. A tabela criada é composta de duas colunas intituladas “Termos Originais” e “Tratamento”.

2.2 Análise dos conceitos

Identificação dos conceitos que fazem parte dos cabeçalhos de assunto.

→ *Ações desenvolvidas:*

- análise dos conceitos;
- separação dos conceitos;
- separação dos identificadores;
- verificação de sua forma (plural/singular, caixa alta para os **termos** e caixa baixa para os **não-termos**).

2.3 Organização da estrutura do vocabulário

Estabelecimento das remissivas **USE** e **UP** e da relação **VT**

→ *Ações desenvolvidas:*

- estabelecimento das sinonímias através do relacionamento USE e UP;
- estabelecimento das relações lógicas e ontológicas através do relacionamento VT.

2.4 Elaboração das notas de aplicação

Redação das notas de aplicação, ou seja, notas explicativas que objetivam estabelecer uma interface entre o instrumento, o usuário e o indexador.

→ *Ações desenvolvidas*

- elaboração das notas que objetivam orientar o usuário e o indexador quanto à política de indexação adotada na Biblioteca, à ordem de citação dos conceitos no momento da entrada de informação e à definição/explicação do conceito.

3. O Vocabulário Sistematizado da FCRB: Forma de Apresentação

3.1 Elementos do Vocabulário

O Vocabulário Sistematizado, para permitir a necessária comunicação entre o sistema e seus usuários, possui descritores e estrutura entre os conceitos.

Os descritores são termos autorizados que representam o assunto do documento. Cabe aqui ressaltar a diferença entre descritor e identificador¹. O descritor representa a temática do documento, quanto ao seu assunto; o identificador representa a temática do documento, quanto ao nome de pessoas, entidades ou eventos.

A estrutura é a rede de relações de equivalência (USE e UP), hierárquicas e associativas (Ver também) entre os termos. Visa orientar tanto o indexador como o usuário, levando-os de uma idéia ao termo que melhor expresse essa idéia.

A seguir apresentam-se aspectos específicos de cada elemento do Vocabulário Sistematizado e como serão aplicados no acervo da FCRB.

3.1.1 Descritores

Descritor representa um conceito² e é considerado o termo escolhido pelo Sistema. O descritor será grafado em português. Somente serão admitidos vocábulos estrangeiros quando não existir equivalente na língua portuguesa ou quando o termo for consagrado nas áreas cobertas pelo Vocabulário Sistematizado.

Quanto ao uso de termos populares ou científicos, recomenda-se o uso da linguagem corrente. O termo científico será utilizado somente nos casos onde não houver correspondente da linguagem corrente ou ele for considerado necessário para a comunidade de usuários da FCRB. No caso de grafias variantes, recomenda-se adotar a existente no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa elaborado pela Academia

¹ Os identificadores constam de lista própria, com o controle de sinonímia.

² Conceito é uma unidade de conhecimento que possui um referente, características e uma denominação.

Brasileira de Letras. No caso de termos específicos devem ser usadas as fontes de referência da área específica (dicionários especializados, glossários e terminologias).

Quanto ao uso de termos atuais, são recomendados os termos já consagrados, exceto quando for indispensável representar um assunto numa fase definitiva do seu desenvolvimento. Neste caso, considera-se como descritor os dois ou mais termos, inserindo a relação VT com reciprocidade entre os descritores. Por exemplo:

Ensino de Segundo Grau VT Ensino Médio

Ensino Secundário

NA – Use o descritor para documentos atingidos pela reforma do ensino (Lei n.º 4.024 de 1971) que fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Para documentos que tratam do mesmo assunto editados até 1970, use o descritor ENSINO SECUNDÁRIO. Para documentos a partir de 1996 (Lei n.º 9.394 de 20.12.1996), use ENSINO MÉDIO. Para documentos de países estrangeiros, use sempre ENSINO SECUNDÁRIO.

Ensino Médio VT Ensino Secundário

Ensino de Segundo Grau

NA – Use o descritor para documentos posteriores a Lei n.º 9.394 de 20.12.96. Para documentos que tratam do mesmo assunto editados a partir de 1971, isto é, da Lei n.º 4024 que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, use o descritor ENSINO DE SEGUNDO GRAU. Para documentos até 1970, use ENSINO SECUNDÁRIO. Para documentos de países estrangeiros, use sempre ENSINO SECUNDÁRIO.

Ensino Secundário VT Ensino de Segundo Grau

Ensino Médio

NA – Use o descritor para documentos que tratam da Educação formal até 1970. Para documentos que tratam do mesmo assunto editados a partir da Lei n.º 4.024 de 1971

que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, use o descritor ENSINO DE SEGUNDO GRAU. Para documentos posteriores a Lei n.º 9394 de 20.12.1996, use ENSINO MÉDIO. Para documentos de países estrangeiros, use sempre ENSINO SECUNDÁRIO.

Quanto à existência de homônimos, devem-se distinguir os termos homônimos por meio do uso de um qualificador, entre colchetes, que lhe confira significado unívoco. Por exemplo:

Documentação [Processo]

NA – Coleta e processamento contínuo e sistemático de informação registrada para armazenagem, recuperação, utilização ou transmissão.

Documentação [Direito]

NA – Conjunto de documentos ou série de documentos que se exibem ou se trazem a juízo para comprovação dos direitos em discussão judicial (elucidam certos fatos ou servem para comprová-los).

Quanto à grafia dos termos, deve-se grafar em caixa alta os descritores e em caixa baixa os não descritores.

3.1.2 Estrutura do Vocabulário

O Vocabulário contém as seguintes relações entre os descritores:

a) Relação de equivalência

A relação de equivalência ocorre entre termos sinônimos ou quase-sinônimos. A relação designada como quase-sinônimos ocorre devido a questões como: adoção de uma dada política de indexação que prioriza o uso de termos específicos ao invés de termos mais genéricos ou vice-versa; grafias variantes; e uso de descritores mais atuais em contrapartida a descritores desatualizados.

Esta relação é expressa pelos símbolos USE e UP (usado por).

O USE estabelece a relação entre o termo não autorizado para o descritor autorizado.

Por exemplo:

Mudança Ocupacional USE Mobilidade Ocupacional

O UP estabelece a relação entre o descritor autorizado para o termo não autorizado.

Por exemplo:

Mobilidade Ocupacional UP Mudança Ocupacional

O USE e UP possibilita uma relação de reciprocidade, ou seja, USE sempre gera UP e UP sempre gera USE.

b) Relações hierárquicas e associativas

No processo de relação entre os termos evidenciam-se certas relações que fornecem as bases para ordenação dos descritores.

Estas relações podem ser divididas em:

- Relações Hierárquicas – relação de gênero e espécie e de todo-parte.
- Relações Associativas – relações entre categorias: coisa-processo, coisa-propriedade, material-produto, entre outras.

Estas relações são expressas pelo símbolo “Ver também”. A reciprocidade desta relação se dá de dois modos:

- Quando a relação for estabelecida entre descritores que se ligam através de relações hierárquicas, deve-se usar o “Ver também” somente para relacionar as espécies de um gênero ou as partes de um todo. Neste caso, não existe reciprocidade na relação. Por exemplo:

Arquivo

VT Arquivo Privado
 Arquivo Público

Mas em ARQUIVO PRIVADO não existe a relação “Ver também” ARQUIVO, o mesmo acontecendo com o termo ARQUIVO PÚBLICO. Neste caso, o “Ver também” não é recíproco.

- Quando a relação for estabelecida entre descritores que se ligam através de relações associativas, existe **reciprocidade** entre os termos. Por exemplo:

Escravidão			Racismo
VT	Racismo	VT	Escravidão

c) Outras relações

Em alguns casos a relação não se dá mais entre conceitos. Mas entre um assunto³ e os conceitos que o compõem. Neste caso, recomenda-se a fatoração semântica, ou seja, indexar pelos conceitos que fazem parte do assunto. Quando isto ocorrer, deve-se proceder da seguinte forma: introduzir o assunto em caixa baixa na ordem alfabética e uma nota de aplicação com uma explicação sobre os conceitos que devem ser adotados. Por exemplo:

Capitalismo Industrial

NA – *Para designar o assunto, use os descritores CAPITALISMO E SOCIEDADE INDUSTRIAL.*

d) Nota de aplicação

³ O assunto, neste contexto, é considerado reunião de conceitos. Ele ocorre no Vocabulário, pois na maioria das vezes é uma forma de expressão do usuário.

As notas de aplicação — NA — são notas explicativas que possuem as seguintes finalidades: definição dos descritores, apresentação de mudanças na política de indexação adotada, explicação das formas de pré-coordenação dos termos entre outras.

e) Ordem das Relações

As relações devem ser apresentadas na seguinte ordem, a saber:

Descritor

NA

USE / UP

VT

Considerações finais

A complexidade e diversidade dos acervos (bibliográfico, arquivístico e museológico) da FCRB exigiu a elaboração de um Vocabulário Sistematizado que padronizasse as diferentes linguagens utilizadas.

O controle dos diferentes conceitos torna-se fundamental para uma melhor interação do usuário com o Sistema de Recuperação da Informação.

O usuário, ao buscar, por exemplo, a Constituição brasileira de 1891, poderá acessar os registros sobre esse tema, tais como: os documentos bibliográficos sobre a Constituição (documentos de biblioteca); o original manuscrito (documento de arquivo); e a caneta com que Rui Barbosa escreveu essa Constituição (documento de museu).

Além disto, há urgência para disponibilizar este acervo na Internet. Tornar o sistema de recuperação da informação referente aos acervos da FCRB disponível amplia excepcionalmente as possibilidades de sua divulgação e utilização.

Entretanto, faz-se necessário dar ao pesquisador um instrumento orientador e facilitador para sua autonomia na pesquisa. O Vocabulário Sistemático vem a ser esse instrumento dinâmico e eficaz.

Referências Bibliográficas

- AITCHISON, Jean. The Thesurofacet: multipurpose retrieval language tool. **Journal of Documentation**, v. 26, n. 3, p.187-203, Sept. 1970.
- CAMPOS, M. L.A. **Em busca de princípios comuns na área de representação da informação**: uma comparação entre o método de classificação facetada, o método de tesouro-baseado-em-conceito e a teoria geral da terminologia. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1994. 196 p (Dissertação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação).
- _____. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EDUFF, 2001. 133 p.
- DAHLBERG, I. (1978). A referent-oriented analytical concept theory of interconcept. **International Classification**, v. 5, n. 3, p.142-150, 1978.
- _____. (1978a). **Ontical structures and universal classification**. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment, 1978. 64 p.
- _____. **Die Pilotstudie DB-Thesaurus**. Frankfurt: Deutsche Bibliothek, 1980. 74 p.
- FALBO, Ricardo de Almeida. **Integração de conhecimento em um ambiente de desenvolvimento de software**. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1998. 81 p. (Tese apresentada à COPPE/UFRJ para obtenção do grau de Doutor em Ciências (D.Sc.)
- GRUBER, T. R. **Toward principles for the design of ontologies used for knowledge sharing**. [S.l.]: Knowledge Systems Laboratory, Stanford University, 1993.
- GUARINO, Nicola. Formal ontology and information systems. In: FOIS '98, 1, 1998, Trento, Italy. **Proceedings...** Amsterdam: IOS Press; Tokyo: Omsa, 1998. p. 3-15.
- RANGANATHAN, S. R. **Colon Classification**. Bombay: Asia Publishing House, 1963. 126p.
- _____. **Prolegomena to library classification**. Bombay: Asia Publishing House, 1967. 640p.

- SOWA, John F. **Knowledge representation: logical, philosophical and computational foundations.** Pacific Grove: Brooks/Cole, 2000. 594p.
- UNESCO. **Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri.** Paris: The Organization, [1973]. 37p.
- VICKERY, B.C. **Classificação e indexação nas ciências.** Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980. 274p.
- WEINSTEIN, Peter C. **Ontology-based metadata: transforming the MARC legacy.** Pittsburg: Digital Libraries, 1998. p. 254-263.
- WUESTER, E. L'étude scientifique générale de la terminologie, zone frontalière entre la Linguistique, la Logique, l'Ontologie, l'Informatique et les Sciences des Choses. In: RONDEAU, G.; FELBER, F. (Org.). **Textes choisis de terminologie: fondements théoriques de la terminologie.** Québec: GIRSTERM, 1981. p. 57-114.